

A DIMENSÃO ATITUDINAL NO RUGBY FRENTE À VIOLÊNCIA ESCOLAR

Suellen Antico¹

José Ricardo Silva²

RESUMO

Esta pesquisa pretende apresentar o rugby e suas características como elemento da cultura corporal que, ao ser tratado pela Educação Física na escola, possibilita tematizar valores sociais em contraposição ao crescente fenômeno da violência escolar. O estudo reflete a violência em uma perspectiva que vai além da imagem biologizante construída historicamente sobre os sujeitos. Defende-se uma abordagem do rugby que vai de acordo com os desígnios do 'esporte da escola', enfatizando as características do esporte educacional. O rugby por conter em sua gênese a necessidade de uma equipe mista e democrática, torna possível a participação de todos os alunos, promovendo a integração e situações de conflito necessárias para questionamento e superação de estigmas.

PALAVRAS CHAVES: Rugby, violência escolar, Educação Física.

ABSTRACT

This research intends to present rugby and its characteristics as an element of the corporal culture that, when treated by the Physical Education in the school, allows to thematize social values in opposition to the growing phenomenon of school violence. The study reflects violence in a perspective that goes beyond the biologically constructed image historically on the subjects. We defend a rugby approach that goes according to the designs of the 'school sport', emphasizing the characteristics of the educational sport. Rugby as it contains the need for a mixed and democratic team in its genesis, makes possible the participation of all students, promoting the integration and situations of conflict necessary for questioning and overcoming stigmas.

KEYWORDS: Attitudinal dimension. Rugby. Overcoming violence

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que possui um papel transformador na sociedade. Seu compromisso vai além do ensino das matérias básicas que constam na grade curricular, tem compromisso social, na formação de caráter, e promoção de valores e princípios morais.

¹ Licenciada em Educação Física

² Licenciado em Educação Física e Pedagogia, Mestre em Educação e Doutor em Educação pelo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente- SP. Professor do curso de Educação Física na Faculdade de Presidente Prudente (FAPEPE). E-mail: ricardo.unesp@hotmail.com.

A escola é uma destas instituições que promove a socialização dos indivíduos, pois é formalizada a partir de regras e normas estabelecidas e que devem propiciar aos alunos a oportunidade de questionar e introjetar o existente (GUIMARÃES et al, 2001, p. 19).

Para tanto é necessário entender, também, que a escola embora engessada com algumas leis, normas e burocracia, é onde se aprende a conviver com a diversidade existente na comunidade. Pode-se afirmar que é o primeiro passo para se aprender os valores presentes na sociedade, proporcionando assim aos alunos autonomia e consciência para questioná-los. Neste sentido, Coll, Pozo e Sarabia (1997, p. 134) afirmam que:

[...] na escola, além das tarefas meramente educacionais, fazem-se amizades, aprende-se o funcionamento do poder, conhece-se o que significa a competência, pratica-se esporte, desenvolvem-se habilidades manuais; em resumo, aprende-se em viver em comunidade.

O convívio social dentro da escola é onde se reforçam e se põem em prática esses valores, mas também é onde os mesmos são problematizados, repensados, questionados com base na ética, coerência e tolerância, proporcionando aos alunos autonomia para questionar a sociedade e a si. Espera-se que, assim, os estigmas sociais sejam superados e que haja a promoção da inclusão dos sujeitos na sociedade, pois segundo Sawaia (2003) a exclusão e a desigualdade social são aliadas, isto é um fato próprio da sociedade capitalista neoliberal, onde a escola acaba exercendo o desserviço à sociedade atuando na função de adaptação dos sujeitos a essa situação de desigualdade e exclusão.

Dada a multiplicidade cultural, o ambiente escolar acaba se tornando o local onde os sujeitos se expressam com mais espontaneidade entre seus pares, logo, reproduzem o que observam em todas as esferas da sua vida. Neste momento muitos alunos levam para escola situações de violência vividas por eles no cotidiano.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar) de 2009 constatou dados alarmantes sobre violência sofrida e causada pelos jovens estudantes. A PeNSE ressalta o meio socioambiental nocivo ao quais os alunos considerados agressivos e violentos estão expostos, a pesquisa apresenta índices sobre agressão sofrida por um adulto em casa, acesso e uso de drogas, bebidas alcoólicas e porte de armas, branca ou de fogo.

Em um breve comparativo com a nova edição da pesquisa refeita em 2012, a PENSE expõe o crescimento dos indicativos de ações violentas sofridas pelos alunos a partir um adulto em casa, além de índices relacionados a questões socioambientais que se mostram numerosamente crescentes. Segundo a pesquisa as manifestações de violência cometida pelos

escolares cresceram o que conseqüentemente ressalta o crescimento nos índices de agressão sofrida pelos escolares, este tipo de agressão atualmente chama-se Bullying, (do inglês=valentão, briguento).

Presente na grade curricular, a Educação Física, disciplina obrigatória incita, provoca e estimula a participação dos alunos em situações de expressão corporal onde as emoções afloram. Não raro, discussões e desentendimentos, levam os alunos a cometerem atos de violência uns com os outros. Neste momento, cabe ao professor de Educação Física mediar tais situações, rumo à superação do conflito por meio do diálogo e tolerância. O papel do professor na sala perpassa o ensino e aprendizagem da sua área de atuação, sobretudo o professor de Educação Física responsável pela disciplina onde os alunos tem liberdade para se expressar de diferentes formas.

De maneira genérica sabe-se que o esporte, um dos principais conteúdos da Educação Física, pode contribuir na construção de valores, respeito e superação da violência. Segundo Guimarães (2001) suspeitamos haver outras possibilidades de aproximar comportamentos do plano esportivo com outros de diferentes esferas sociais, como forma, não só de sugerir ações, mas, principalmente, como forma alternativa de entender a vida social. Logo, o comportamento dos alunos transformado a partir do esporte pode ser levado para outras esferas da vida deste. Como exemplo, podemos citar a cultura de paz que vem dos esportes via o Fair Play (jogo limpo), capaz ajuda-los a superar situações de conflito através do diálogo.

Dentre os esportes coletivos queremos destacar aqui o rugby como conteúdo que pode tematizar e, então, contribuir para a construção de valores e superação da violência escolar por conter em sua gênese importantes regras de convívio social e coletividade. Este artigo trata, então, de como utilizar o rugby a favor da desconstrução da cultura do individualismo, da desigualdade e da construção de valores e aceitação pelos alunos. Acreditamos que trabalhar o rugby na perspectiva educacional torna possível a utilização de tais valores construídos pelo esporte para superar o fenômeno crescente de ações de violência escolar e social.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa é respaldada numa abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Alves (1991) ressalta que a aliança entre a pesquisa e uma abordagem qualitativa se fazem necessárias para que se obtenha uma visão fidedigna do plano educacional, visto que se considera a multiplicidade de conflitos que serão enfrentados. Abordagens de caráter qualitativas fazem-se funcionais quando o assunto tratado diz respeito a temas educacionais.

Gil (1999) ilustra que as pesquisas de teor bibliográfico são desenvolvidas acerca de materiais teóricos científicos já existentes, ainda que todos os outros tipos de pesquisa se baseiam em materiais já elaborados, esta tem como base para seu processo exclusivamente estas fontes. Pesquisas nesta vertente tem o objetivo de analisar e discutir a contribuição do material teórico de outros autores frente ao problema encontrado, como neste caso a violência escolar.

O RUGBY NA ESCOLA E O RUGBY DA ESCOLA

A escola e o sistema de ensino, segundo Davis e Rego (1996), precisam de reforma tal como a relação do professor e das aulas haja vista que os jovens hoje têm um estilo de vida que contradiz ao sistema de ensino arcaico proposto na escola, tornando o ensino desinteressante fato que contribui para a evasão escola tal como aponta a pesquisa PeNSE (2012). Segundo Almeida (2010 p. 47)

O papel da escola e do professor é mais difícil hoje, porque a sociedade caminha acentuadamente para o individualismo, que vive uma profunda crise de valores e a escola não pode se furtar de dividir conhecimentos sobre convivência, cooperação, solidariedade, generosidade, complacência, amizade, respeito mútuo e valorização do outro.

Na mesma direção, o esporte está, de modo geral, atrelado às ideias genéricas já difundidas de esporte de rendimento, que prioriza a competição, e a técnica. Bracht (2000), conceitua esta ideia de esporte como ‘esporte na escola’. Isso porque o esporte de rendimento reproduz o que é salientado nas relações sociais que vivemos, a competição, a seletividade e a concorrência, em outras palavras o esporte de rendimento evidencia a desigualdade social, isso por que. Ainda segundo o autor, quando se busca performance no esporte limita-se a julgar apenas o código binário da vitória/derrota, os meios empregados no treinamento, o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. A própria prática, o processo do jogo não assume importância significativa para o sistema, critica-se então não a prática da técnica, mas sim a finalidade à qual a técnica está servindo. Nesta concepção, o trabalho da escola rende-se ao esporte de alto rendimento.

Contrariando esta concepção, o ‘esporte da escola’, é fundado em teoria pedagógica e com objetivo não só da prática, e do desenvolvimento de técnicas e aparato fisiológico, dos educandos, mas do desenvolvimento destes em sua totalidade, onde se incluem a esfera social e cognitiva, não desconsiderando o desenvolvimento físico (BRACHT, 2000). Para a escola, é importante que o objetivo central da prática do esporte seja justamente o contrário, e enfatize-

se o processo e meios de ‘treinamento’ visto que estes determinam a construção ou desconstrução de valores nos alunos.

Para Guimarães (2001) entender o esporte como prática pedagógica efetiva a teoria de que os valores trabalhados e construídos durante a prática consciente do esporte podem ser reproduzidos em outras esferas da vida dos alunos, e utilizar-se de tal ferramenta concretiza o processo de ensino e de desenvolvimento da autonomia propiciando aos alunos um olhar reflexivo sobre suas ações e sobre a sociedade.

Logo, o esporte assume o papel de promover as situações de conflito, e o professor o papel de media-lo com base nos valores de tolerância e respeito construídos nas aulas, em direção à superação pelo diálogo e tolerância. Vale ressaltar que o professor é quem direciona as aulas para tais vertentes educacionais, e segundo o Bracht (1992) este não pode durante as aulas assumir papel de neutralidade já que sua função é mediar os conflitos que acontecerem rumo a superação das situações de violência, e desigualdade. Segundo Almeida (2010, p. 17)

O responsável em desenvolver a cidadania na escola é principalmente o professor, porque este, dentro da instituição, tem mais contato com os alunos, dispõe de vários meios de reforços, estabelece um vínculo afetivo em que serve de modelo e de referência para o aluno.

O rugby neste sentido é um esporte como regras e características específicas que o difere dos outros esportes coletivos, motivo que desperta o interesse dos alunos. Acreditamos que o rugby por fugir de todas as regras por eles conhecidas se torna desafiador, instigando-os ainda mais a participarem das aulas. A relação entre o professor/aluno e aluno/aluno nas aulas em que o rugby é tematizado se estreita, sobretudo porque o esporte solicita o contato físico.

Para que se realize uma partida de rugby, é necessário que se preencham as posições requeridas pelo esporte. No cerne deste esporte os *forwards* e os *backs* têm biótipos e papéis diferentes durante uma partida, existem tarefas que só podem ser realizadas pelos *forwards*, seriam o *Line out* (cobrança de lateral) e o *Scrum* (cobrança de falta). Em outras palavras o papel de realizar mais força fica à cargo dos *Forwards*, posição característica dos alunos com sobre peso.

Os *Backs*, e o *Half-scrum* são característicos dos alunos esguios, os *Backs* ocupam o cargo de finalizar a jogadas e avançarem no campo, e na posição de *half-scrum* que é característico por conectar os *forwards* e os *backs* encontram-se os alunos de menor estatura.

Esta característica do *rugby* favorece diferentes biótipos dos grupos escolares, podendo ocasionar identificação dos alunos com a prática. Embora no início da partida os alunos se organizem por posição, durante o processo da aula é impossível que estes

permaneçam na mesma zona de jogo. Assim, o aluno na posição de *back* se depara com as situações enfrentadas pelos *forwards*. Acreditamos que essa dinâmica torna possível para os alunos compreender os desafios enfrentados pelo outro, tornando-se mais tolerante, além de compreender e valorizar a diversidade de biótipos do grupo.

No rugby é evidente a hierarquia de posições, tendo poder absoluto na partida o árbitro, que só pode ser questionado pelos capitães, que por sua vez se tornam a autoridade da equipe. Os demais jogadores não se direcionam ao juiz, caso o faça submete-se à expulsão, por isso, as reclamações dos jogadores são direcionadas aos capitães que por sua vez questionam respeitosamente o árbitro, que caso se sinta ameaçado, ou ofendido submete os jogadores à punição que achar necessária.

Esta hierarquia é característica do rugby, um diferencial dos demais esportes. No entanto, na escola, pensamos que a flexibilização desta regra pode proporcionar aos demais jogadores a ideia de se dirigirem ao árbitro de forma respeitosa.

Por estas características, acreditamos que o rugby pode servir como conteúdo a ser utilizada pela Educação Física, podendo ser instrumento no sistema de ensino capaz de superar o fenômeno de violência presente na escola.

O RUGBY E A DIMENSÃO ATITUDINAL

Para se iniciar esta discussão é preciso compreender o significado do conceito de dimensão atitudinal. Segundo Darido (2012, p. 65) esta dimensão está ligada à

[...] valores, normas e atitudes, podem ser vivenciadas e discutidas, entre outras: a cooperação, a solidariedade, a inclusão, a relação de gênero, a ética, a pluralidade cultural e a resolução de conflitos. Esta última dimensão, apesar de presente nas aulas, acontece quase sempre sem a intervenção do professor. Levantar a possibilidade de utilizá-la como objetivo da aula pode ser considerado um ponto importante do trabalho docente.

A dimensão atitudinal segundo a autora supracitada baseia-se em, valorizar a essência dos jogos, respeito aos adversários, e sujeitos envolvidos no jogo, utilização de diálogo para que se resolvam possíveis situações de conflito e predisposição a participar de atividades coletivas, reconhecendo o valor dos sujeitos envolvidos.

Considerando o professor de Educação Física como mediador, este tem como objetivo de aproveitar as situações para que os alunos superem situações de conflito causadas

pelo esporte. O rugby neste sentido vem como ferramenta a ser utilizada nos espaços das aulas de Educação Física, como manifestação da cultura corporal que possibilita a convivência entre os pares no ‘calor das emoções’ de um jogo coletivo, ou seja, espaço/tempo de conflitos emocionais e físicos.

Como visto anteriormente, o rugby traz em sua gênese a necessidade de um time com maior variedade de biótipos. Para que haja um time completo, e equilibrado é necessário que existam na mesma equipe, alunos acima e abaixo da estatura média da sala, com sobre peso ou não. As posições no rugby no início de uma partida são basicamente estipuladas pelo biótipo, porém, durante o processo da partida, não se faz necessária à regra de que cada participante precise necessariamente estar na sua posição pré-definida.

Essa estrutura e dinâmica presente no rugby por si só exclui a violência como o bullying, visto que todos durante a aula estarão na posição do outro, e dessa forma enfrentando os desafios que o outro enfrenta durante a partida, compreendendo a necessidade da presença dos companheiros de turma. Porém, para que os alunos entendam o esporte a partir desse ponto de vista é necessário desconstruir a ideia de que os alunos mais baixos são frágeis, que alunos com sobrepeso não tem lugar, e que as meninas não podem comandar ou participar de esporte de contato.

Todos esses questionamentos podem ser conduzidos e enfrentados durante a aula com o auxílio do professor, segundo Guimarães (2001), as aulas de Educação Física são bastante propícias para o trabalho com atitudes, pois através das situações vividas nas aulas - conflitos provocados pelo aprendizado da competição, o contato físico, a colaboração presente nos jogos (enfrentamento da vitória/derrota, o contato entre os mais aptos com menos aptos) – é desencadeada uma busca por soluções, que envolve aspectos morais, cognitivos e afetivos.

Ainda segundo Almeida (2001) a Educação Física tem papel na formação dos alunos como qualquer outra matéria, porém dispõe de espaço mais amplo para discussão de conflitos tal como as reflexões sobre os valores. Fica claro, então, a importância do professor neste processo, e este deve ser consciente ao assumir e representar um papel servindo de modelo como referência para o diálogo e desconstrução de ideias, visto que como já explanado antes, muitas vezes o professor é a única fonte de valores sociais a ser seguido.

A Educação Física tem papel educativo, assim como as outras disciplinas, e é possível problematizar assuntos como discriminação, exclusão, gênero, através das situações de conflito proporcionadas pelo esporte, e é possível ainda utilizar-se dos valores construídos por ele para superação de tais conflitos. Este processo de superação pode ser reproduzido pelo

aluno nas próximas situações conflitantes, que pode acontecer em outras esferas sociais de suas vidas.

A mediação do professor nestes casos é extremamente necessária, pois, este tem o papel de conduzir o desentendimento entre alunos partindo de uma abordagem baseada nos valores de convívio, respeito e tolerância transmitidos pelo esporte.

Até a internalização dos valores do Rugby pelos alunos os conflitos e desentendimentos serão frequentes, ainda mais considerando a cultura do futebol tão presente que destoa tanto da cultura presente no rugby.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo assumiu o desafio de discutir a contribuição do rugby frente à crescente marcha do fenômeno da violência que acomete as escolas. Diante dessa tarefa, enfatizou-se a importância da Educação física no que se refere ao processo de formação humana no ambiente escolar tendo a dimensão atitudinal aliada aos valores do esporte como instrumento passível de romper com o ciclo da reprodução da violência escolar. Esta discussão possibilita aos professores contemplar e ter contato direto com a realidade de cada aluno, permitindo uma compreensão da totalidade que resulta nas manifestações da violência no interior das escolas.

Destacou a importância de aulas de Educação Física que não se limitam unicamente a prática do esporte e desenvolvimento do aspecto físico, pois este tipo de aula fragmenta o desenvolvimento dos alunos, e impossibilita a contribuição da matéria para a formação multilateral dos alunos.

Com esta pesquisa foi possível obter uma visão referente ao fenômeno da violência escolar que vai contra a vertente biologizante, assim podemos encará-la como uma reprodução de ações vividas pelos alunos. Compreendendo a violência desta forma é possível encontrar meios de superá-la proporcionando aos escolares formas para que estes possam questionar tais ações, e valores e a cultura que os levaram a aceitar a violência como atitude tolerável.

Portanto, é necessário superar as visões naturalizantes acerca da violência, considerando-a assim como um fenômeno encontrado presente na sociedade e não nos sujeitos. Este pode ser o ponto de partida para compreensão mais profunda acerca de questões que remetem a violência na escola, e desta forma encontrar meios para superá-la

O rugby nada mais é que um plano de fundo dentro das aulas, por conter regras, valores e materiais que destoam do que é conhecido pelos alunos resultando na participação

integral destes. A democracia findada no esporte possibilita a todos os alunos igual participação e importância durante as aulas, logo, proporcionando oportunidades iguais dentro de ‘campo’. O rugby na escola pode tornar possível a superação da segregação que ainda é vigente nas aulas de Educação Física.

Deste modo, vale enfatizar que a representatividade no esporte é válida para que os sujeitos encontrem seu papel dentro do jogo e também na sociedade, e se vejam como participativos, e de importância dentro das aulas, da sua equipe, e dentro da sua formação.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M. G. B. **A Violência na Sociedade Contemporânea**, Rio grande do Sul, 2010.

BRATCH, V. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento - Ano VI - Nº 12 – 2000.

COLL, C.; POZO, C; SARABIA, C. As Atitudes: Conceituação e sua Inclusão nos Novos Currículos. In: C. Coll; C. POZO; C. SARABIA (Eds.). **Os conteúdos na reforma** (pp. 121-169). S.L.: Artmed, 1997.

DARIDO, S. C. **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos**. Universidade Estadual Paulista. Pró-reitoria de graduação, Universidade Virtual do Estado de São Paulo, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2012.

GUIMARÃES, A. A. et al. **Material para Aula de introdução a Ed. Física**. vol. 7, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PENSE-Pesquisa nacional de saúde escolar**, Rio de Janeiro, 2009 Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/> > Acessado em: 12 de agosto de 2015.

SAWAIA, B. **Fome de Felicidade e Liberdade**. São Paulo: CENPEC/ITAÚ/UNICEF, 2003.

*Recebido em Março de 2018
Aceito em Abril de 2018*